

ana holck

**portfolio**

índice | *index*

trabalhos | works

**bastidor** | *backstage* | 2010

sala A contemporanea | centro cultural banco do brasil | rio de janeiro

**splash** | 2010

lugar algum | sesc pinheiros | são paulo

**desvio** | *shift* | 2010

lugar algum | sesc pinheiros | são paulo

**conviva** | *guest* | 2010

os amigos da gravura | museu da chácara do céu | rio de janeiro

**excertos** | *excerpts* | 2010

os amigos da gravura | museu da chácara do céu | rio de janeiro

**sem título** | *untitled* | 2010

o lugar da linha | paço das artes | são paulo

**contra muro** | *counter-wall* | 2009

trilhas do desejo: rumos artes visuais 2008/2009 | instituto itaú cultural | são paulo

**rotatória** | *rotary* | 2008-2003

nova arte nova | centro cultural banco do brasil | rio de janeiro

**da série canteiro de obras** | *from the construction site series* | 2006

temporada de projetos 2005-2006 | paço das artes | são paulo

**pontes** | *bridges* | 2006

**elevados** | *elevated* | 2005

paço imperial | rio de janeiro

curriculum

artigos de jornal e resenhas | *newspaper articles and reviews*

**bastidor | *backstage* | 2010**

**sala A contemporanea | centro cultural banco do brasil | rio de janeiro**

**policarbonato alveolar e blocos de concreto hexagonal  
*alveolar polycarbonate and concrete pavement blocks***







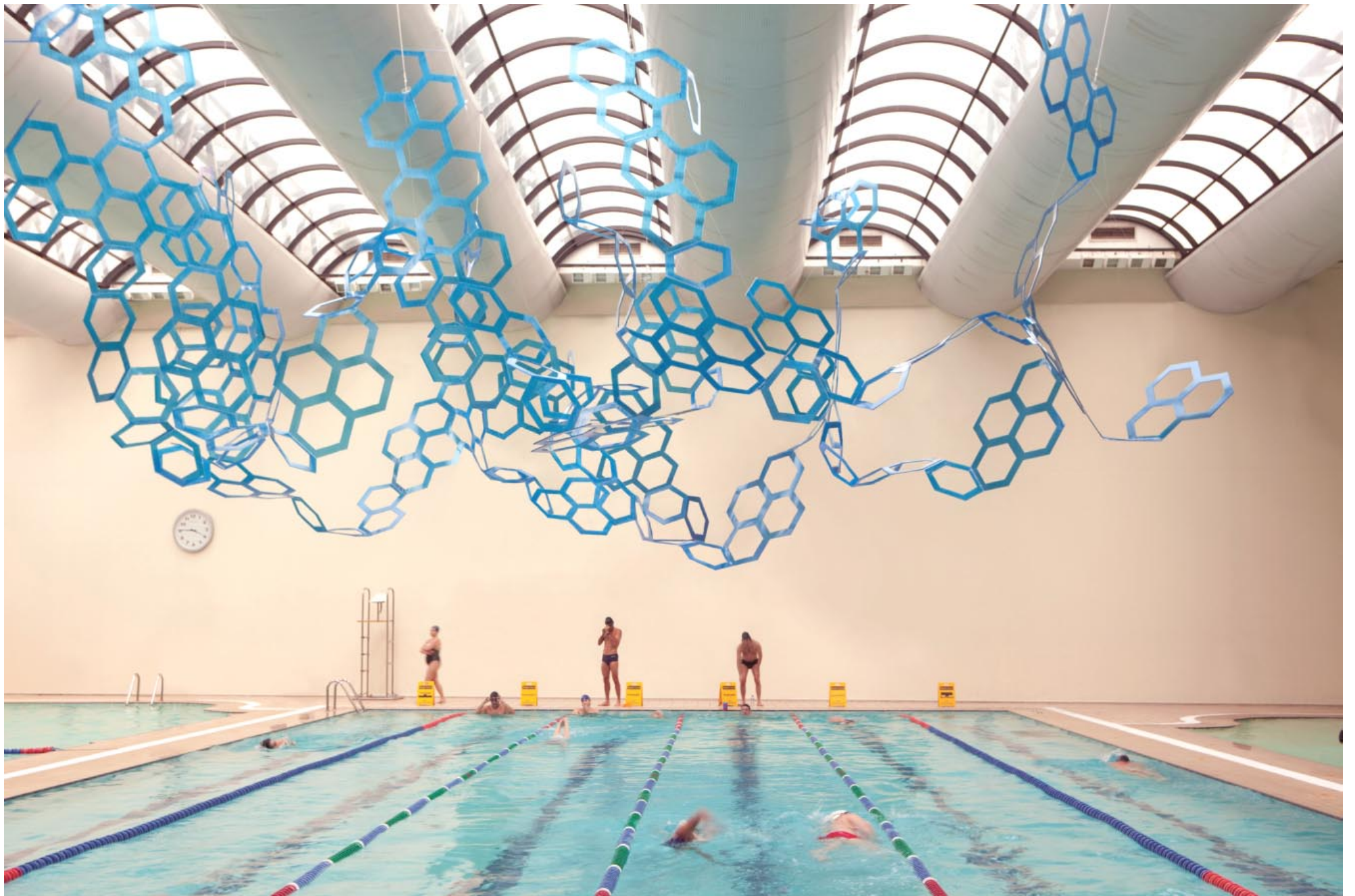


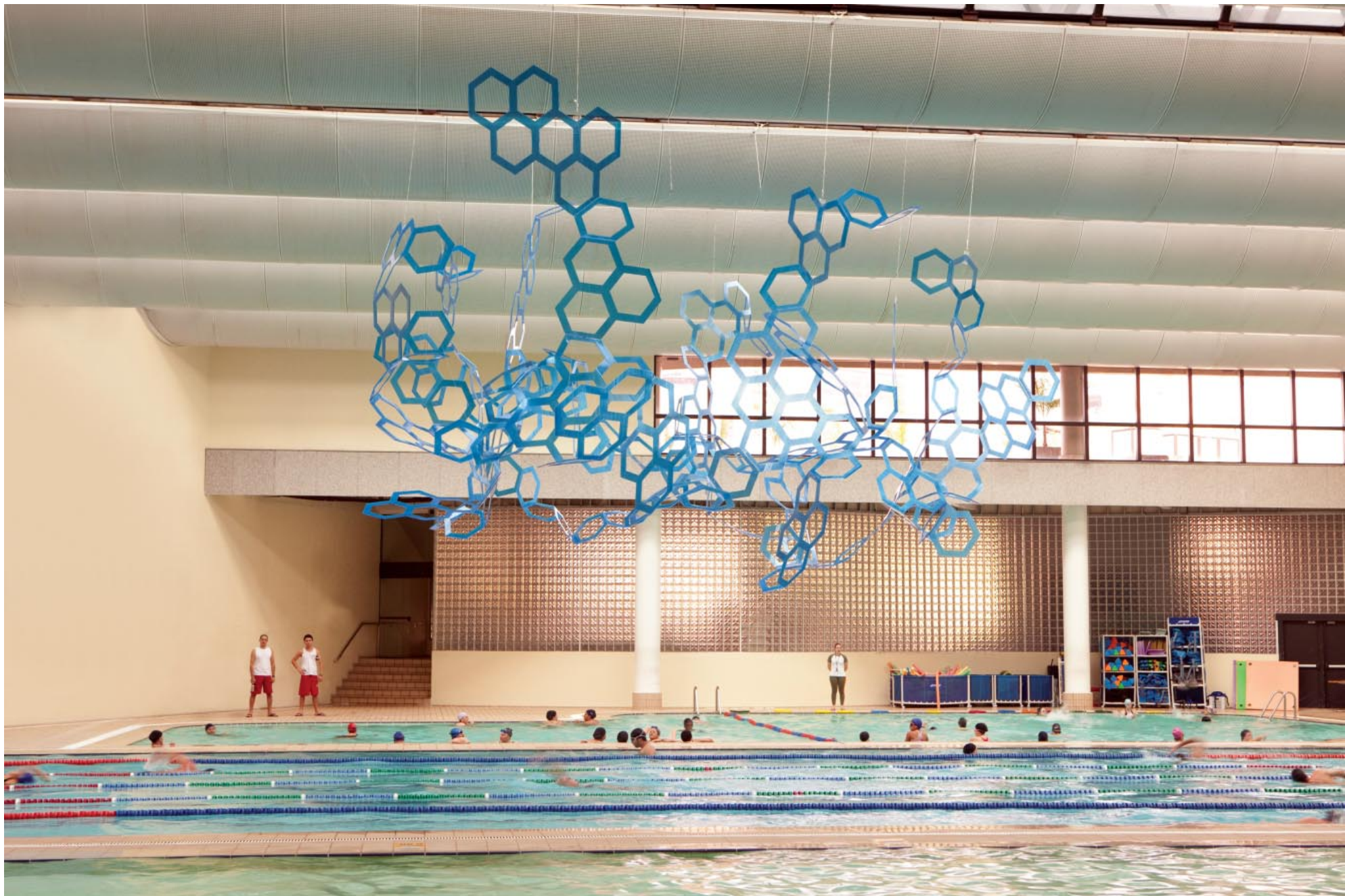
splash | 2010

lugar algum | sesc pinheiros | são paulo

policarbonato alveolar  
*alveolar polycarbonate*



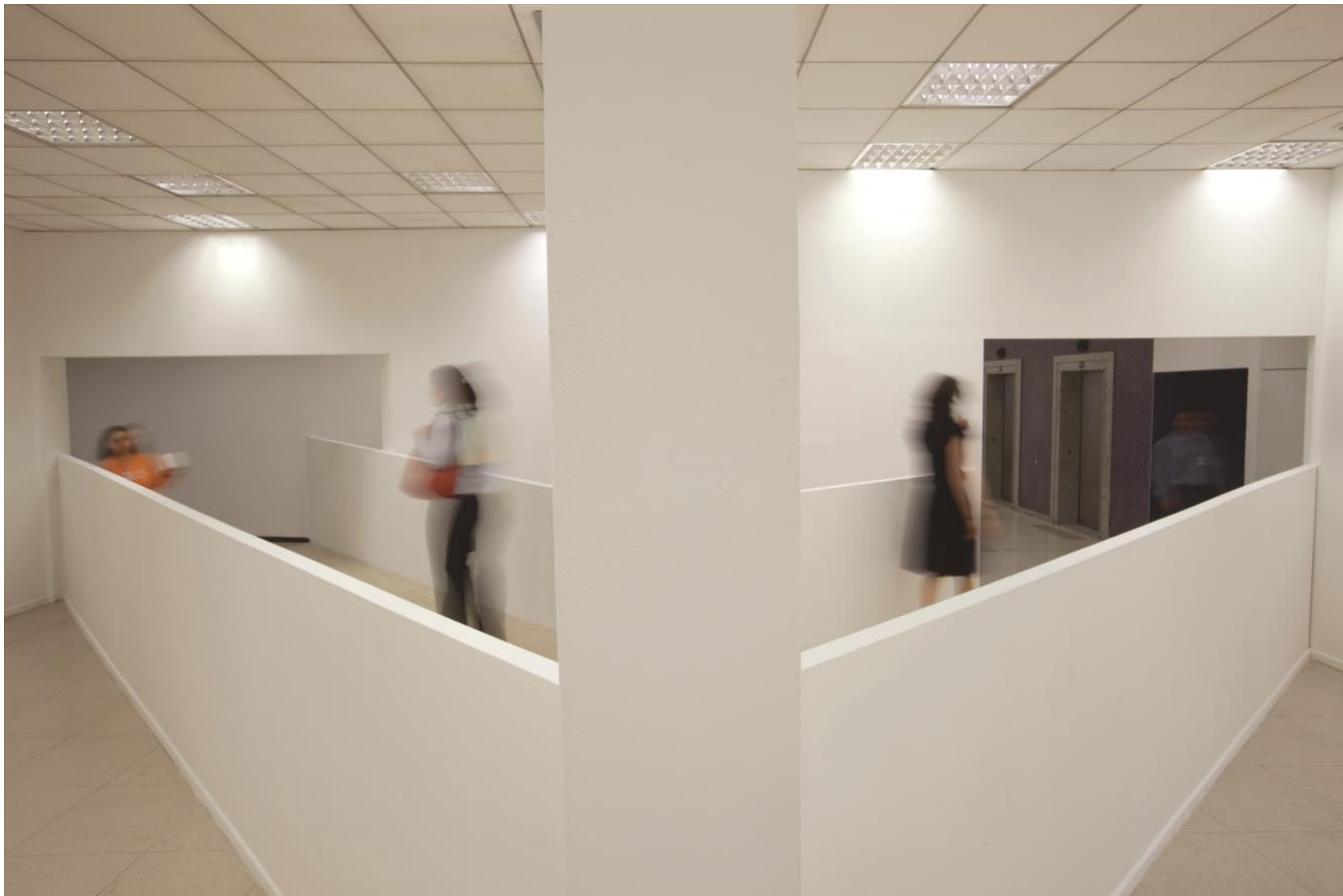




**desvio | *shift* | 2010**

**lugar algum | sesc pinheiros | são paulo**

**rampa em compensado, painéis em mdf e piso emborrachado  
*plywood ramp, mdf pannels and rubber pavement***





conviva | *guest* | 2010

os amigos da gravura | museu da chácara do céu | rio de janeiro

policarbonato alveolar e objetos do acervo dos museus castro maya  
*alveolar polycarbonate and objects from the collection of the museum*







excertos | excerpts | 2010

os amigos da gravura | museu da chácara do céu | rio de janeiro

policarbonato alveolar e objetos do acervo dos museus castro maya  
*alveolar polycarbonate and objects from the collection of the museum*





sem título | *untitled* | 2010

o lugar da linha | paço das artes | são paulo

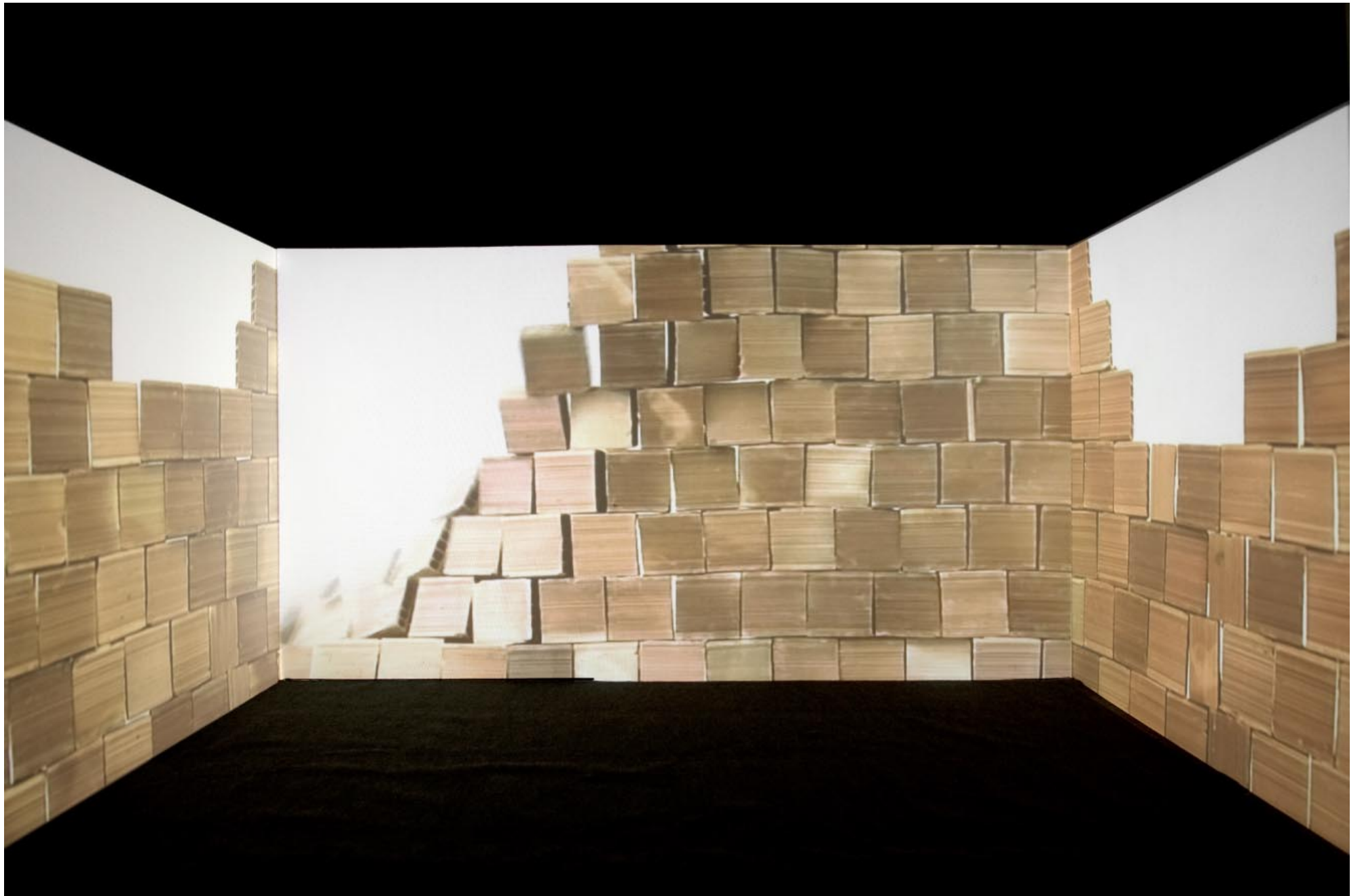
acrílico e blocos de concreto hexagonal  
*acrylic and concrete pavement blocks*

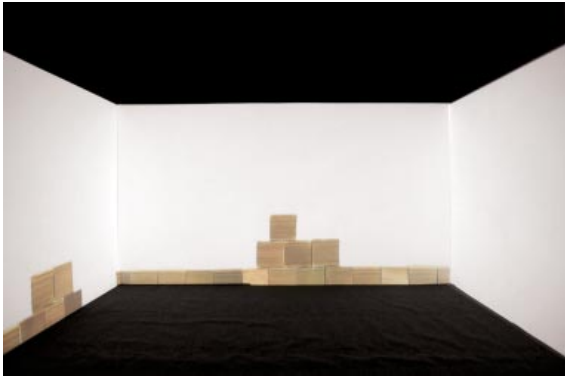


contra muro | *counter wall* | 2009

coleção instituto itaú cultural | são paulo

video instalação em 3 canais  
*three channel video-installation*







**rotatoria | *rotary* | 2003**

**nova arte nova | centro cultural banco do brasil | 2008**

**estrutura em aço, policarbonato alveolar, esquadrias dealumínio e rodízios  
*steel structure, alveolar polycarbonate, aluminum and wheels***





da série canteiro de obras | *from the construction site series* | 2006

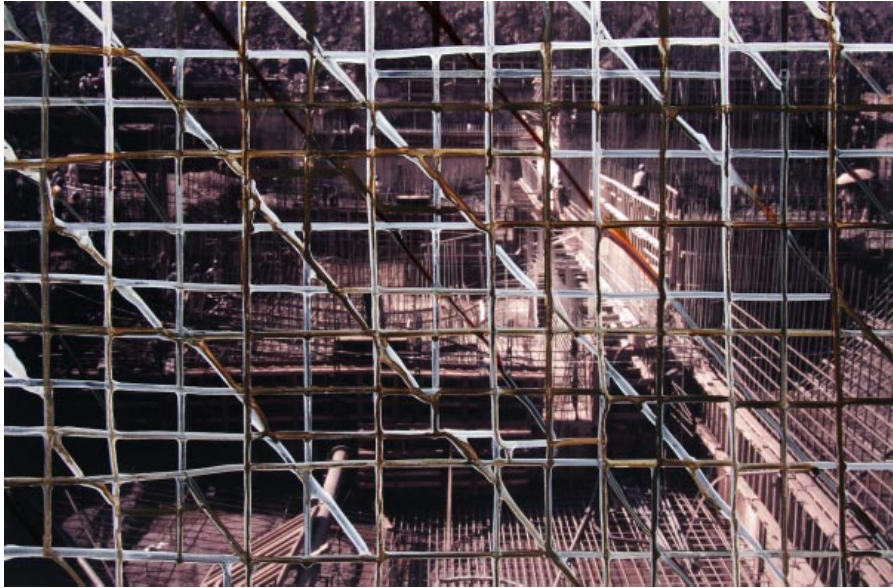
temporada de projetos 2005-2006 | paço das artes | são paulo

coleção gilberto chateaubriand | museu de arte moderna do rio de janeiro

fotografia em duratrans sobre backlight  
*photography on duratrans over lightbox*











pontes | *bridges* | 2006

vinil adesivo e acrilico  
*adhesive vinyl and acrylic*



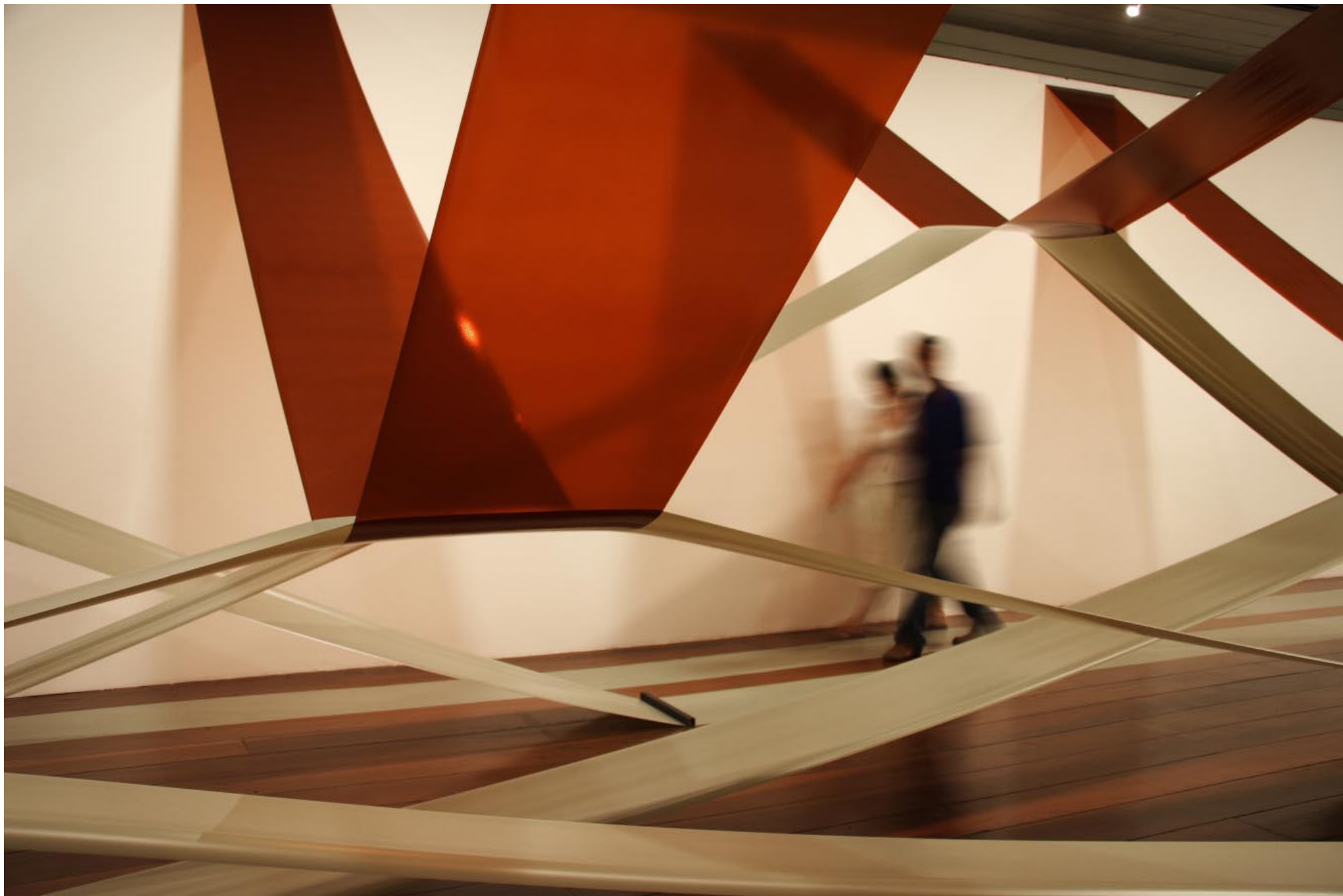


elevados | *elevated* | 2006

paço imperial | rio de janeiro

vinil adesivo sobre parede piso e teto  
*adhesive vinyl on walls, ceiling and floor*





curriculum

**Ana Holck**  
**Rio de Janeiro | 1977**  
**www.anaholck.com**

**formação | *education***

**2006-2010** Doutoranda em Linguagens Visuais  
Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais | EBA/ UFRJ

**2001-2003** Mestre em História  
Programa de Pós Graduação em História Social da Cultura | PUC-Rio

**1995-2000** Arquiteta e Urbanista,  
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo | Universidade Federal do Rio Janeiro | FAU/ UFRJ

**exposições individuais | *solo exhibitions***

**2010** Bastidor, Centro Cultural Banco do Brasil, Rio de Janeiro  
Os Amigos da Gravura, Museu da Chácara do Céu, Rio de Janeiro

**2006** *Notas sobre Obras*. Galeria Virgilio, São Paulo  
*Canteiro de Obras. Temporada de Projetos 2005/2006*, Paço das Artes, São Paulo  
*Notas sobre Obras*. Mercedes Viegas Arte Contemporanea, Rio de Janeiro

**2005** *Elevados*. Paço Imperial, Rio de Janeiro

**2004** *Quarteirão*. Centro Universitário Mariantonia, São Paulo  
*Estais*. Galeria Virgilio, São Paulo

**2003** *III Mostra do Programa de Exposições 2003*, Centro Cultural São Paulo  
*Transitante*. Galeria Candido Portinari, UERJ

**2001** Galeria da Escola de Artes Visuais do Parque Lage, *Projeto 10d2001* - Rio de Janeiro



## **principais exposições coletivas | *selected group exhibitions***

- 2010** *Horizonte Construído*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro  
*Desenhos e Diálogos*, Anita Schwartz Galeria de Arte  
*Lugar Algum*, SESC Pinheiros, São Paulo  
*O lugar da Linha*, Temporada de Projetos 2010, Paço das Artes, São Paulo  
*Prêmio Funarte de Artes Plásticas Marcantonio Vilaça*, Museu de Arte Contemporânea de Niterói
- 2009** *Trilhas do Desejo: Rumos Artes Visuais 2008/2009*, Instituto Itaú Cultural, São Paulo e Paço imperial, Rio de Janeiro  
*Borderless Generation: Contemporary Art in Latin America*, Korea Foundation, Seul, Coréia do Sul.  
NOVA ARTE NOVA, Centro Cultural Banco do Brasil, Rio de Janeiro e São Paulo
- 2008** *Arco 08\_BRASIL*, 27 FERIA Internacional de Arte Contemporâneo, Madrid  
*Espaços Reversíveis*, Museu Histórico de Santa Catarina-Palacio Cruz e Souza, Florianópolis  
*Arte Contemporânea e Patrimônio*, Paço Imperial, Rio de Janeiro
- 2007** *Novas Aquisições 2006 2007 – Col. Gilberto Chateaubriand*, Museu de Arte Moderna- RJ  
*Prêmio Projéteis FUNARTE de Arte Contemporânea*, Funarte, Rio de Janeiro  
*Universidarte XV*, Galeria Especial, Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro
- 2006** *25 Artistas*. Mercedes Viegas Arte Contemporânea, Rio de Janeiro  
*A Imagem do Som da Musica Popular Brasileira*, Paço Imperial, Rio de Janeiro  
*Arquivo Geral*, Centro Helio Oiticica, Rio de Janeiro  
*Paisagem Bruta*, Galeria Virgilio, São Paulo
- 2005** *nmúltiplos*, Arte 21 Galeria, Rio de Janeiro  
*Educação, Olha!*. A Gentil Carioca, Rio de Janeiro  
*10 indicam 10*. Pequena Galeria. Universidade Candido Mendes, Rio de Janeiro
- 2004** *Projéteis de Arte Contemporânea*, FUNARTE, Rio de Janeiro  
*Posição 2004*, Escola de Artes Visuais do Parque Lage, Rio de Janeiro
- 2003** *INSOLA(R)ÇÕES*, Solar Grandjean de Montigny, PUC-Rio, Rio de Janeiro  
*Coletiva do Programa de Exposições 2003*. Centro Cultural São Paulo, São Paulo  
*Espacios a La Experimentación II*, Museo de Arte y Diseño Contemporáneo, San Jose, Costa Rica
- 2002** *Novísimos 2002*, Galeria do IBEU Copacabana, Rio de Janeiro
- 2001** *4º Prêmio Revelação de Artes Plásticas de Americana*. MAC, Americana, São Paulo  
*Orlândia I*, Rio de Janeiro

**prêmios e bolsas | *prizes and fellowships***

- 2009** *Prêmio Funarte de Artes Plásticas Marcantonio Vilaça*
- 2007** *Prêmio Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro.*
- 2005** *Prêmio Projéteis Funarte de Arte Contemporânea, Rio de Janeiro*
- 2004-2005** *8º Programa de Bolsas RIOARTE*  
Prefeitura do Município do Rio de Janeiro
- 2002** Menção Honrosa – *Novíssimos 2002*, Galeria IBEU Copacabana, Rio de Janeiro
- 2001-2003** Bolsa de Mestrado  
Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)
- 2001** *Prêmio Paviflex*  
Concurso nacional de formandos em arquitetura realizado pelo Instituto dos Arquitetos do Brasil – São Paulo (IAB/ SP)  
e *Fadamac*
- 2000** *Prêmio Arquiteto de Amanhã*  
Instituto dos Arquitetos do Brasil – Rio de Janeiro (IAB/ RJ)

**coleções públicas | *public collections***

Instituto Itaú Cultural, São Paulo  
Museu de Arte Moderna de São Paulo  
Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro / Coleção Gilberto Chateaubriand.  
Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo  
Museu de Arte Contemporânea de Niterói, Rio de Janeiro  
Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro

**artigos e criticas | *articles and reviews***

## ARTES VISUAIS

## Arquitetura e ocupação

Exposições interferem no espaço expositivo apresentando novas possibilidades de percepção

**'Bastidor' e 'Projeto para o Palácio Capanema'**  
Ana Holck e Eduardo Coimbra

Marisa Flório

**ARTES** Poderíamos pensar um projeto qualquer — de arquitetura ou de arte, de vida ou utópico — como um desenho do futuro, de algo que ainda não está. Desenhando-se na ausência, por uma imaginação prospectiva ou como um constructo fantasmático, projetar é também explicitar potencialidades, é existir ao menos como desejo. Como então preservar a potência do desejo que esboça horizontes, sem sucumbir à asfixia totalitária do controle, sem reduzi-lo a um único ponto de vista e fuga?

Duas mostras distintas, "Projeto para o Palácio Capanema" de Eduardo Coimbra, e "Bastidor", de Ana Holck, no CCBB, realizam interferências na arquitetura do espaço expositivo. São ocupações que, se colocam em evidência o campo de inscrição das obras em suas várias molduras — físicas e culturais, perceptivas e discursivas, políticas e ideológicas —, também repensam, de algum modo, a noção de projeto na atualidade.

"Projeto para o Palácio Capanema", de Coimbra, interfere no mezanino do marco da arquitetura moderna brasileira. Projetado por Niemeyer, Lúcio Costa, entre outros, o edifício segue os preceitos de Le Corbusier. Lá estão seus célebres "Cinco pontos da nova arquitetura": a planta livre, a fachada livre, os pilotis, o terraço-jardim e a janela em fita. Se a estrutura independente de vigas e pilares proporcionava a flexibilidade dos espaços internos, o edifício suspenso sobre pilotis transcendia a superfície da terra. Liberava-se do plano



Divulgação/Pat Kilgore



Divulgação

**"BASTIDOR"** (ao lado) e "Projeto para o Palácio Capanema": ocupação e apropriação das esquadrias do prédio

Estrutura e aparência, esqueleto e pele confundem-se. O tênue limite da "janela em fita", que reconciliaria o dentro e o fora, torna-se o esqueleto arqueológico de uma promessa que não se cumpriu. O espaço como campo neutro e homogêneo da grelha ideal é confrontado à sua própria ilusão, as estruturas ortogonais reproduzem-se sem desígnios. Se desenha algo é sua ausência. Se projeta algo é sua fantasmática. Se deseja algo, é proliferar as janelas para que horizontes se lancem livres e potentes.

Se Coimbra se apropria e desloca um elemento arquitetônico do edifício, as esquadrias, Ana Holck desloca para o espaço institucional um elemento arquitetônico das ruas: o bloco hexagonal de concreto que reveste as calçadas da cidade. Em ambos, podemos perceber a utilização de uma unidade industrial e repetida, o deslocamento de seus contextos usuais, os desvios de sua função. Não por acaso, a artista, ar-

passou, era um desígnio tão grandioso como aterrorizado, tão generoso quanto despótico, tão ocasião e lugar para a alteridade, desvios e diferenças.

Eduardo Coimbra reproduz as esquadrias das janelas e as instala no interior do prédio. Multiplica seu módulo e introjeta o espaço sobre si mesmo, em um labirinto de repetições e espelhamentos. Fragmenta sua extensão, turva sua percepção.

quiteta de formação, interferiu, em 2004, nas janelas do mesmo palácio cobrindo-as com películas de vinil adesivo de controle de luz solar ("Fuga"). Em ambos, são revolvidas as muitas camadas de sentido que noções como espaço ou lugar encerram: a filosofia e a física, a arquitetura e a arte reformulariam continuamente aquilo que o senso comum e o hábito convencionaram chamar de espaço ou lugar como algo familiar e já dado. Ou seja, a arte contemporânea trataria de explicitá-los cada vez mais como uma trama complexa e ampla de enunciações e percepções: arquitetônicas, ideológicas, culturais, políticas, etc. — limites móveis, no interior dos quais, muitas vezes, a obra se constitui e se debate.

**Peso versus leveza**

Em "Bastidor", os blocos de concreto adquirem massa e volume escultóricos. Desenterrados das ruas e empilhados na galeria, a aspereza e o peso de sua materialidade contrastam com a leveza branca do policarbonato aveolar. Material utilizado em vedações, ali ele é recordado, dobrado, vazado. Ora se ergue pelo espaço obstruindo o acesso visual e corpóreo, ora abre-se em tramas de hexágonos vazados, projetando na parede a sombra de seu desenho, de seu projeto, de seu desejo.

Interrogações que insistem: entre a idealização dos projetos e a contingência das percepções, entre a precisão do cálculo e a inflexão das circunstâncias, haveria brechas por onde desejos e horizontes pudessem se mover e respirar? Como evitar que a tensão desejante, que ativa as mudanças, converta-se em delírios de ordem? Como pensar o porvir sem a rigidez dos desígnios? Como acolher a incerteza de um talvez? ■

# Ana Holck cria escultura para ser exposta no pescoço

Colar de latão integra mostra do projeto Amigos da Gravura, na **Chácara do Céu**



Divulgação

A ESCULTURA original que inspirou o colar (com Ana, na foto à direita)

Suzana Velasco

**A**o montar a maquete de uma de suas esculturas em grande escala, Ana Holck viu a possibilidade de os hexágonos articulados que criava se transformarem num colar. A maquete originou uma imensa obra em policarbonato e blocos de concreto. Mas, convidada para participar do projeto Amigos da Gravura, a artista viu a chance de tomar o sentido inverso: diminuir a escala e criar um objeto usável, transformando o espectador em usuário.

Ana apresenta a obra a partir de hoje, às 12h, no Museu da Chácara do Céu, cujo projeto está aberto a uma ideia ampliada de gravura, que abarque todas as possibilidades de múltiplos — no caso da artista, serão 50 exemplares, vendidos ao público por R\$ 850. A artista faz ainda intervenções em dois ambientes do museu, com esculturas em policarbonato, e expõe outras miniesculturas semelhantes ao colar — porém numa escala um pouco maior —, além de três obras da série “Torres”.

— As esculturas têm blocos de concreto hexagonais,

numa ligação com a arquitetura. O colar é uma leitura dessas esculturas, tem uma relação com a cidade, com o urbano, embora seja numa escala muito pequena. Ele é feito de latão, e o concreto foi substituído por uma pastilha de revestimento — conta Ana, que aos 33 anos é a mais jovem artista a participar do projeto. — Estava procurando não usar só materiais tão efêmeros, como o vinil, e o metal surgiu por meio da joia. O (crítico de arte)

Guilherme Bueno diz que é uma joia com materiais não nobres.

A artista está tão habituada com a grande escala que levou à joalheira Adriana Soares um projeto cerca de três vezes maior do que o

tamanho possível para um colar, que é articulado, para dar conforto a quem usá-lo. Já as esculturas são mais rígidas, não podem ser manipuladas, apesar de se acomodarem ao ambiente quando são mexidas. Uma delas se instala numa mesa de jantar montada, numa intervenção chamada por Ana de “Conviva”. A outra, na biblioteca, usa como contrapeso os elementos do espaço, como livros que pertencem a Castro Maya. ■

Divulgação/ Edouard Fraipont



# Ana Holck reinventa o espaço com grades e pontes

Com olhar de arquiteta, jovem artista carioca expõe simultaneamente em individual na galeria Virgílio e em temporada coletiva no Paço das Artes

Nilton Fukuda/Folha Imagem

GABRIELA LONGMAN  
DA REPORTAGEM LOCAL

Ana Holck estudou arquitetura já pensando em ser artista plástica. O trabalho com estruturas e espaços aparece com toda força em suas obras, expostas em individual na galeria Virgílio até o dia 16 e em mostra coletiva no Paço das Artes até 17 de setembro.

Jovem artista carioca, Holck trabalha especialmente com instalações. Utilizando-se de faixas de vinil adesivo, já construiu grandes "entrelaçamentos" em espaços como o Centro Cultural São Paulo e o Paço Imperial, no Rio. Atualmente, mostra sua série de sete "pontes", construídas com o mesmo material, em menores — e mais vendáveis — dimensões.

"A construção de uma ponte é união intensa entre engenharia e arquitetura; trata-se de vencer um vão" diz a artista, para quem as pontes não cabem na definição de escultura nem de maquetes, talvez por se situarem exatamente no meio de todas essas definições.

"Cada um que via o trabalho tentava defini-lo de uma forma diferente. Para mim, são pontes, objetos tridimensionais."

Tanto na galeria quanto na mostra coletiva do Paço, Holck expõe sua série fotográfica "Canteiro de Obras". Nela, a artista se aproveita de antigos cromos da construção de uma usina e, sobre as ampliações, desenha sistemas de grades. Uma vez feita a pintura, as imagens são refotografadas.

"Canteiro de Obras" recoloca

nossas contradições formadoras: a engenharia, o projeto e a dureza do ferro são justapostas à irregularidade, à fragilidade e à falta de apoio das linhas que artista desenha diretamente sobre as ampliações", escreve o crítico Cauê Alves em texto do catálogo.

## Trajetos

Os trabalhos de Holck costumam ser pensados em função do espaço expositivo. No trabalho "Elevados" (2005), por exemplo, as faixas de vinil tinham as mesmas cores do teto e do piso do Paço Imperial, no Rio, onde a instalação foi realizada, criando uma experiência sensorial provocativa.

Para o crítico e curador Paulo Sérgio Duarte, "na confusão atual e seu turbilhão de imagens e sentidos lançados a torto e a direito junto às teias de subjetividades, as instalações de Holck são de uma clareza atroz — dura e rigorosa — e se impõem como o próprio real, não mais como uma realidade".

## ANA HOLCK

Quando: de seg. a sex., das 10h às 19h; sáb., das 10h às 17h; até 16/9

Onde: galeria Virgílio (r. Dr. Virgílio de Carvalho Pinto, 426, SP, tel. 0/xx/11/3062-9446)

Quanto: entrada franca

## TEMPORADA DE PROJETOS 2006

Quando: ter, a sex., das 11h30 às 19h; sáb. e dom., das 12h30 às 17h30; até 17/9

Onde: Paço das Artes (av. da Universidade, 1, SP, tel. 0/xx/11/3814-4832)

Quanto: grátis



A artista na galeria Virgílio, onde expõe suas "pontes"; esculturas são feitas em vinil e protegidas por uma caixa de acrílico

## Galeria Virgílio prepara novo espaço artístico

DA REPORTAGEM LOCAL

Ao mesmo tempo em que expõe as pontes de Ana Holck e, no segundo andar, abriga uma individual do paulistano Marcus Vinícius, a galeria Virgílio trabalha para inaugurar um novo espaço artístico no início de outubro. Intitulado B—arco, o novo 'centro cultural' ocupa

um galpão de 400 m2 anexo à galeria e terá sua programação voltada especialmente às artes plásticas, teatro, performances e novas mídias.

O espaço —um casarão térreo— passou por uma grande reforma para receber o B—arco. Se uma das salas abrigará parte do acervo da galeria, outra receberá cursos, palestras e

ensaios teatrais.

A programação está sendo definida e ajustada, mas vários cursos — de pintura, desenho, fotografia, interpretação para cinema etc— já têm inscrições abertas e começam no início do próximo mês.

Além dos cursos e exposições, uma programação de debates já foi traçada. Inaugura a

série, no dia 2/10, um encontro entre Denise Stoklos e Gero Camilo. Gilberto Prado e Lucas Bambozzi é outra dupla que será reunida no espaço, em debate agendado para o dia 16 de outubro.

Mais informações sobre as atividades e cursos do B—arco podem ser obtidas pelo tel. 0/xx/11/3061-2999.

Teatro: **Laura  
Cardoso e Sérgio  
Britto** estrelam  
peça no CCBB • 2

# SEGUNDO CADERNO

Cinema: **José  
Araújo** traz **sertão  
pós-apocalíptico**  
em novo filme • 10

QUINTA-FEIRA, 8 DE JUNHO DE 2006

## Galeria de jovens

Artistas em início de carreira estreiam com individuais em espaços comerciais

**Alexandre Duarte**  
Artista plástica Ana Holck mostrava a montagem de sua exposição individual, na última terça-feira, na galeria Mercedes Viegas, quando Gilberto Chateaubriand veio de cartão na festa.

— Fosse o quê? — disse, sorrindo, o colecionador, enquanto entrava na galeria. — Não por curiosidade pessoal, cultural e colecionista.

Chateaubriand conheceu a artista no fim de 2005, quando ela visitou a exposição dela no Paço Imperial. Das pinturas coletivas com peças de Ana mais tarde, e ela acabou de inaugurar, ontem, sua primeira individual numa galeria de arte. O caminho percorrido por Ana Holck — e por seus pontos em vital e acrílico, parte das séries mostradas na Mercedes Viegas — é semelhante àquela que levou Oito Sulzbach até a galeria Laura Maria, onde, desde a última terça, o gaúcho expõe trabalhos com remas e lutas de borracha. Considerado uma aposta que já virou sucesso na nova geração de artistas plásticos, Felipe Barbosa, com uma individual na Arte em Diálogo desde segunda-feira, também está nesta temporada de inaugurações das galerias da cidade (que inclui ainda Franklin Cascaes e suas três atrações de seus vícios, na Artur Fridberg, e Mora Martins e sua arquitetura de madeira, pedreira e PVC, na Anna Maria Wiesener).

A formação é de arquiteta e urbanista, e ela não tem engajamento na obra "Cartão de obras" Ana usa fotografias de construções improvisadas por crianças, em "Pontes", outra série na Mercedes Viegas, de o final de março.

— Tenho essa relação com o urbanismo e o engenharia, mas não sou engenheira e arquiteta, não sou engenheira e arquiteta, como também trabalhando sua própria — afirma a artista, de 29 anos, cinco de carreira. — Em "Cartão de obras" sócio fotografado de obras, logo logo das fotos, e posto em forma de background. Já esse trabalho tem a ver com o todo de placa arquitetônica, um um pouco diagrama aspecto do gráfico das plantas das cidades.

Para a série "Pontes", Ana levou o material de fazer em vital adesivo, que ela já usava em suas instalações de arte adaptadas para o espaço comercial de uma galeria.

Não gosta mesmo de uma instalação nessa mostra, até porque muitas instalações são descartáveis: não ficam de material adesivo — acrescenta a artista carioca, que trancou as portas de vital, e o plástico, em forma de ponto, decorado de cápsulas de acrílico.

As obras de arte de Freiha, no Parque Lage, já estão em Paço e na Funarte, entre outros centros. — Combate a Mercedes Viegas das coletivas de que participou na galeria. Depois, ela ficou com peças pequenas, já à venda e teve boa noite. Daí, veio a série da individual. E o caminho natural das coisas.

### Do trio metal ao calor da borracha

Oito Sulzbach trabalhou com metal por três anos. Até que conheceu — Passa a querer o oposto dele, da sua rigidez, brilho e tinta, e começou a pesquisar materiais, acabou chegando na borracha, opaca e quente — conta o gaúcho Sulzbach, que fez a exposição de obra em sua nova residência, na Casa de Cultura Maria Quaresma, para onde levou, em 2004, obras de borracha produzidas por cabos transformados, também de borracha. — Uma indústria do meio são e sua produção.

A coletiva •



**FELPE BARBOSA** (ao lado) — "Deserto aquecido", óleo, 2005. Oito Sulzbach com sua biomorfa mecânica, e Ana Holck com background e pontos de vital



**Sérgio Porto** volta à cena

Como artista plástico, o gaúcho Sérgio Porto já esteve em São Paulo em 2003, na Triângulo, em São Paulo. — Para essa exposição na Arte em Diálogo ("Construções da cidade"), trouxe trabalhos feitos em vidro e "Op'Art", um painel realizado depois de 15 dias de trabalho. O desenho dos pontos cria uma ilusão de ótica, como se fosse uma paisagem.

— Já trabalhei muito fora do circuito comercial, e também fora do circuito Rio-São Paulo, como no Rio de Janeiro. O trabalho vai se elaborando ao longo dos anos. Mas vou estar em uma galeria também dependo da natureza do meu trabalho: se vou faz reorientações, por exemplo, naturalmente terá uma obra mais adequada a certos locais.

A propósito da curadoria de Gilberto Chateaubriand lá do Sul, Laura Maria conta que o primeiro trabalho dela em estações de metrô que foram nomeadas para lançar.

— Invejamos esse tipo de exposição, se não trabalhar que não dá. Foi como arte a Galeria Maciel, que terá sua primeira individual em galeria aqui, em 2007.



## ARTES PLÁSTICAS ■ Depois de mostra no Paço, Ana Holck expõe na Gávea

FOTOS DE WILTON MONTENEGRO/DIVULGAÇÃO



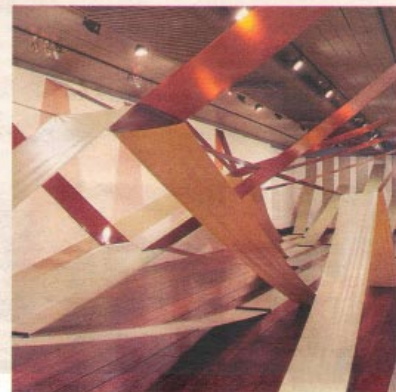
Uma das cinco esculturas de fita adesiva em redoma de vidro expostas na Mercedes Viegas, na Gávea

## Conceitos da arquitetura na construção de pontes de fita

**Bianca Tinoco**

A palavra *obra* ganha uma definição dupla quando o trabalho de arte em questão é o de Ana Holck. Aos 29 anos, ela é uma exploradora do espaço por profissão — formou-se em arquitetura em 2001, desde o início com propósito de aplicar os conhecimentos em sua abordagem estética. Ana não assinou prédios, mas inaugura hoje na galeria Mercedes Viegas Arte Contemporânea, na Gávea, a série inédita *Pontes*. Esculturas de fita adesiva em redoma de vidro, as cinco peças subvertem os conceitos da construção civil em nome de outra: a construção poética.

As *Pontes* não são a primeira incursão *sui generis* da artista na malha viária. De novembro de 2005 até janeiro passado, Ana expôs no Paço Imperial, no Centro do Rio, a instalação *Elevados*, com a qual ocupou uma sala inteira. Composta de fitas suspensas, a obra sustentava descobertas agora aplicadas nas es-



As obras seguem o raciocínio de "Elevados", exibida no Paço

mais efêmera — o que as diferencia das maquetes criadas para intervenções.

— As *Pontes* são pensadas para espaços ideais, mas trazem questões que podem ser conciliadas em futuras intervenções espaciais — diz Ana. — As instalações grandes trazem idéias para as obras pequenas e vice-versa.

O embate com os projetos arquitetônicos e com a impossibilidade de controle absoluto em sua realização é uma das pontes comuns aos oito *backlights* da série *Canteiro de obras*. Sobre fotografias de uma usina em construção, a artista riscou linhas retas cruzadas, malhas encobriram o concreto da obra.

— Desde os estudos iniciais de arquitetura, todo projeto passa por uma grade, que serve de ordenação para o planejamento — explica ela. — Ao serem executadas, as idéias tomam forma rígida. O trabalhar sobre elas coloca em dúvida até que ponto a imaginação lhes pode ser restituída.

culturas de pequeno porte.

— No início, me senti elaborando vários trabalhos simultaneamente, como se os pensasse em grandes dimensões — conta Ana, uma das contempladas com o Prêmio

Funarte de Arte Contemporânea. — Com o tempo criei uma dinâmica de ateliê, o que acelerou os projetos.

Ana Holck propõe as *Pontes* de modo similar a uma obra arquitetônica, porém

Teatro: Grupo  
bota 'Romeu e  
Julietta' no cenário  
do tráfico • 2

# SEGUNDO CADERNO

Cinema: Para  
diretor de 'Shrek',  
heróis vão ter  
novo perfil • 6

SEXTA-FEIRA, 6 DE JANEIRO DE 2006

## Arte renovada

Seis artistas da nova geração discutem sobre arte e o papel de museus e galerias

Suzana Vianna

**E**les são jovens e não artistas. Mas não seria apropriado chamá-los de jovens artistas. Melhor dizer que eles são criativos. E têm todos menos de 30 anos. Jovens, portanto. Muito jovens. Em coreografia no Pinaus Lago, ou seja, agora fazem os bastidores curtos ou são apenas como referência de uma importante escola de artes visuais. Ana Hóck, Laura Eber, Mariana Manhães, Mathias e Thiago Rocha Pitta e Bruno Lyra conversam sobre arte, galerias, incentivos públicos e prêmios em 2006. E, apesar de jovens, ou até por isso mesmo, estão muito o que falar em sua curta trajetória. O que é mais óbvio nessa geração é a diversidade das coisas que utilizam: instalação, intervenção urbana, vídeo, fotografia e até o boneco velho pintado. Apesar de muitos terem começado desenhando, como Mariana,

Ata e Laura, eles deixam claro — pela obra e pelo discurso — que são artistas hoje em dia, não estão apenas de listas, tela e papel. — Nunca achéi que fosse ser artista porque não tenho habilidade manual. Sempre fui muito tímido com a mão. Comecei a trabalhar num estúdio de logomarca e quando vi lá estava produzindo — conta Mathias Rocha Pitta, que um dia ligou para o fotógrafo e artista plástico Miguel Rio Branco e perguntou se ele precisava de um assistente. — Então vi que poderia ser artista sem as mãos. Para sua primeira individual, "Drive-In", Mathias, no início que aos 25 anos já tem obras no acervo do colecionador Gilberto Chateaubriand e do fotógrafo peruano Mario Testino, criou um circuito que liga a galeria ao estacionamento do shopping de arquitetura onde fica e November. Também abriu em Copacabana, a galeria estará um vídeo da garagem, como se cinema estivesse dentro de um carro.

Complicado? Talvez seja ao se tentar explicar o que é o trabalho. Os artistas hoje têm que lidar com o rótulo da "arte contemporânea", muitas vezes criticada como o espaço em que tudo pode. Mas eles estão conscientes de que, apesar dos meios limitados, o essencial é a sensibilidade de cada um. — Já tive algumas retornos do público logo. A arte moderna pode ser muito mais heroica. Estender um Moinho é bem mais difícil — diz Mathias. **Espaço para obras perenes** • Laura é um exemplo claro dessa liberdade. Formada em literatura, tem um livro de poemas, "Tiaos" ("Leituras"), ganhou um prêmio da Nova Fronteira em adaptação. Catarina Rosa para vídeo foi escritora realmente com base em Stuttgart, na Alemanha. Em agosto, ela também expôs na galeria November, que nasceu apos-

tando em novos nomes. — Vivemos num contexto em que as divisões não fazem mais sentido. E por isso mesmo o que se torna um desafio é a capacidade de articulação — diz ela, que aos 28 anos acaba de participar da 3ª Bienal do Mercosul, em Porto Alegre. — Em nome da "arte contemporânea" se faz de tudo. Há uma tentação de se aproximar do arte. E isso tem o retorno do público logo, desde que os espaços não se transformem em pinguete de diversões. Para Thiago Rocha Pitta, irmão gêmeo de Mathias, esse olhar meio de lado para a arte contemporânea se deve a um inchaço de artistas — ou à facilidade com que hoje em dia se diz ser "artista". Ele acredita que para geração anterior era mais difícil fazer da arte uma profissão. — Hoje, ser artista acabou virando um bichinho. Ao lado de Mathias, Thiago expôs até o prêmio dentro em "Além da Imagem", no Centro Cultural Te-

lizar. Como um dos vencedores do Prêmio CNPq São Marcelino Nogueira do ano passado, ele expôs em São Paulo, no Itaú desde então, sempre para o Museu Nacional de Belas Artes (MNBA), no Rio, e depois vai para Porto Alegre, Belo e Recife. No segundo semestre, terá em sua galeria, a Gênesis Cartão, um trabalho de uma só noite. Ali, Thiago diz que vai "constituir um livro". Para outras gerações, talvez seja melhor pensar numa galeria, artefato do circuito comercial de arte, abrir espaço para uma obra perene. — Não existe obra comercial. Existem obras boas e obras ruins, tendo mais liberdade na minha galeria para fazer algo não vendável. Já levei três coisas de instituições, e o marketing cultural delas faz com que o artista fique de paratropia, não receber cachê. No Brasil se acha que o museu é um altar e estamos fazendo isso — diz Laura. Thiago também expôs na última Bienal do Mercosul. Continua no página 2



MATHIAS ROCHA PITA e um registro de "Drive-In", a partir de 14 de novembro

MARIANA MANHÃES e sua obra "Revisão conceitual", Prêmio Chateaubriand

ANA HÓCK e o trabalho "Elevação" no Paço Imperial até 25 de janeiro

THIAGO ROCHA PITA e o vídeo "Formas que se tornam ressonância" em vídeo

BRUNO LYRA e obra exposta até 20 de janeiro na Espaço Reparação: pintura com laços de grife

LAURA EBER e obra de vídeo: instalação "Mergulho" que foi para a Fundação Nita em setembro